

Entre o desejo europeu e o sonho tropical: A identidade nacional brasileira no século XIX

LUIS FERNANDO TOSTA BARBATO*

O Brasil pós-independente não apresentava um quadro político estável, afinal, movimentos separatistas pululavam por toda a parte¹, e o Brasil corria um grande risco de fragmentação territorial. Frente a esse quadro, o Governo Imperial, aliado a grupos de intelectuais - dos quais se destacaram os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o IHGB -, lançou o projeto de construir uma identidade nacional para o Brasil, a fim que essa ajudasse a atenuar o efeito da crise política nesses meados dos oitocentos. No entanto, no que essa identidade nacional seria baseada?

Como nos disse Eduardo Lourenço:

“Cada povo só o é por se conceber e viver justamente como destino. Quer dizer, simbolicamente, como se existisse desde sempre e tivesse consigo uma promessa de duração eterna. É essa convicção que confere a cada povo, a cada cultura, pois um e outro são indissociáveis, o que chamamos de “identidade” (LOURENÇO, 1999:89).

No entanto, faltava essa convicção ao brasileiro, faltava a tal “identidade”, e isso representava um sério problema, uma séria desvantagem para o Brasil, pois, como nos ressalta Eric Hobsbawm, foram os nacionalismos que deram origem à formação dos Estados nacionais, ou seja, o sentimento nacional é anterior à nação como corpo político (HOBSBAWM, 1900:17-19). E, nesse sentido, o Brasil estava no caminho inverso do usual, com um Estado formado, mas sem uma nação própria.

Era necessário sanar esse verdadeiro “problema” do Estado brasileiro, e para isso, os homens do IHGB, como dissemos, os principais intelectuais envolvidos nessa missão de construir uma identidade nacional para o Brasil do período, precisavam de elementos

* Doutorando em História, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Artigo desenvolvido com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

¹ Sobre essa questão, José Murilo de Carvalho nos traz um quadro bastante enaltecido, no qual enumera e nomeia as principais movimentos rebeldes que ocorreram no Brasil entre os anos de 1831 e 1848. Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 250.

que servissem de códigos de reconhecimento mútuo entre os nacionais, precisavam de uma História para esse povo, uma história que enfocasse as virtudes da jovem nação, que desse orgulho a seus habitantes, e assim, confiança em relação ao seu futuro. Nesse momento, o Brasil não precisava de uma História que falasse das tensões e que mostrasse as debilidades do jovem país (REIS, 2007:25-28). Ou seja, era preciso construir uma identidade nacional para o Brasil. Mas ela seria baseada em que? Afinal, o que tornava alguém brasileiro em meados do século XIX?

Vale lembrar, que neste período da História do nosso país, a Europa era a referência no que se tratava de modelo de civilização. E se o Brasil procurava galgar um lugar entre as “nações civilizadas”, era entre a Europa e seus descendentes do norte – em especial os EUA - que precisava se destacar.

Portanto, a Europa era o modelo a ser seguido, era o continente considerado mais avançado, e era em seu modelo de civilização que o Brasil deveria se espelhar. No entanto, para realmente conseguir um lugar entre as pressupostas “grandes nações”, não bastava apenas o Brasil apresentar-se como uma cópia da Europa, necessitava também mostrar que se tratava de uma nação original², detentora de elementos próprios que o caracterizavam, mas sem se distanciar do padrão europeu³.

Entretanto, quais são os elementos originais e singulares que o Brasil necessitava para delimitar seu lugar entre as “grandes nações”? Na Europa, o romantismo recuperou o passado histórico representado pelo medieval, pelo gótico, como símbolos para a construção de seus ideários nacionais.

Todavia, no Brasil essa questão é um tanto mais complexa, já que não houve uma Idade Média, segundo o modelo romantizado europeu, a ser recuperada. Isso levou autores brasileiros – notadamente românticos - a construírem uma Idade Média imaginária. Ou seja, no contexto em que se dá a origem da nação brasileira, o tempo e o cenário de sua narrativa são mitológicos (PAZ, 1996, p. 253).

² Como resumiu Naxara: “O desejo de pertencer simultaneamente a um e outro lado”. NAXARA, Márcia Regina Capelari. “Natureza e Civilização: Sensibilidades românticas e representações do Brasil no século XIX” In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia(orgs.). *Memória e (re)Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas.SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 432

³ Nesse sentido, a frase de Paz nos é bastante esclarecedora sobre o intuito brasileiro: “Das singularidades do meio e da natureza emerge uma Europa diferente chamada Brasil”. Cf. PAZ, Francisco de Moraes. *Na poética da História: a revitalização da Utopia Nacional Oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996. p. 253

Exemplo desse caso encontramos na obra *O Guarani*, de José de Alencar, no qual, segundo Valéria de Marco, o rio Paquequer constitui um cenário que elide o tempo, passando, através das descrições do autor romântico, a imagem da natureza primordial plena e pura do Brasil, insinuando ainda, referências à época medieval⁴ européia (MARCO, 1993:27-28).

Nesse contexto, a natureza serve como enfoque para a construção de uma cultura marcadamente nacional, pois se tratava de um elemento tido como originalmente brasileiro⁵. Nesse sentido, Francisco Paz traz o exemplo de Ferdinand Denis, que ao valorizar a natureza tropical do Brasil, potencializa aquilo que a Europa não é ou não tem. Este viajante reconhece o europeu como símbolo da história sem natureza, e observa o índio brasileiro como o seu oposto direto, o representante da natureza sem⁶ história (PAZ, 1996:247).

Segundo Paz, restava somente então configurar o caráter singular da natureza tropical como marca do valor nacional, e através do discurso histórico, transformar “tal tropicalidade como verdadeiro alimento do espírito de nacionalidade”, como diz abaixo:

“[A busca pelo elemento original brasileiro] Resulta na elaboração de uma verdadeira “historiografia tropical”, caracterizada pela busca da nação, pelo ideal de progresso e pelo entendimento da natureza como elemento definidor

⁴ O trecho a seguir é um bom exemplo dessas referências medievais: “Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano.”(grifos nossos). In ALENCAR, José de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Cia. Aguilar Editora, 1964. p. 31

⁵ Segundo Edgar de Decca, o romance de José de Alencar, apesar de, à primeira vista nos conduzir por cenários brasileiros que mais parecem a Europa Medieval que o Brasil tropical, carrega inúmeros elementos fundadores da identidade nacional, pois, ainda que procure medidas européias, Alencar desmancha os supostos cenários europeus, mostrando uma identidade brasileira em contraposição à européia. Portanto, Alencar carrega as duas tendências apontadas anteriormente, que seriam a busca pelo exótico – aqui figurado na natureza tropical e na constituição racial brasileira – e na criação da realidade por meio de padrões estéticos europeus. Cf. DECCA, Edgar Salvadori de. “Tal pai, qual filho? Narrativas histórico-literárias da identidade nacional”. In. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo, n° 24, 2002. p. 96.

⁶ Desta maneira, ter natureza sem ter história não era visto como algo positivo, mas acreditava-se na época que o Brasil ainda era uma nação jovem, que ainda não alcançara a maturidade dos países do norte. Pensavam os intelectuais brasileiros que essa situação se corrigiria com o tempo, era apenas algo transitório, já que o país passava por um processo de avanço intelectual no período, principalmente pelo advento dos museus, universidades, hortos, e demais institutos ligados à ciência. Cf. PAZ, Francisco de Moraes. *Op. Cit.* pp. 236-248.

da unidade natural da Pátria, diante da falta de uma unidade cultural” (PAZ, 1996:236).

Além disso, Paz afirma que enquanto a História prende-se às questões do devir, enfatizando as mudanças resultantes da marcha da civilização, a literatura busca o ser e os valores permanentes, que promovem a natureza como expressão primeira da originalidade brasileira.

Nas obras de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo ou Casimiro de Abreu, entre inúmeros outros exemplos, aparecem estes engajamentos de valorização da natureza brasileira⁷ no momento em que seus versos cantam nossas belezas naturais (VENTURA, 1991:246).

Flora Süssekind ressalta esses usos do meio natural brasileiro pelos literatos do período. Assim como Paz, ela afirma que a natureza brasileira serve como enfoque para a construção de uma literatura marcadamente nacional. Ela trás os dizeres de Pereira da Silva como exemplo deste momento de valorização dos elementos nacionais:

“Nossos vates renegam sua pátria, deixam de cantar as belezas das palmeiras, as deliciosas margens do Amazonas e do Prata, as virgens florestas, as superstições e pensamentos de nossos patrícios, seus usos, costumes, e religião, para saudarem os Deuses do Politeísmo Grego” (SÜSSEKIND, 1990:24).

Süssekind conclui que não é, pois, qualquer lugar que se pode chamar de Brasil, ou qualquer literatura de brasileira. Antes é necessário que isso seja submetido à malha fina da “originalidade”, da “natureza exuberante”, ou dos “costumes peculiares”.

Segundo Süssekind, variam as trilhas da prosa de ficção brasileira – novela histórica, melodramática, de costumes ou de mistério – nas décadas de 30 e 40 do século XIX-, mas repete-se a nota, a meta quase geográfica, de demarcação de um centro, de uma origem, de uma cena primitiva de descoberta da cultura brasileira (SÜSSEKIND, 1990:35).

Literatura, História e Geografia – esta última envolvida de maneira bastante pragmática, no que toca às questões fronteiriças do Império – engajaram-se, cada uma à

⁷ Os versos da Canção do Exílio – ex. “(...)Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossas flores têm mais vida, Nossa vida mais amores (...)” -, de Gonçalves Dias cabem perfeitamente nesse caso, já que expressam o ufanismo do ideal romântico em relação à natureza brasileira. DIAS, Gonçalves. “Canção do Exílio”. In: DE NICOLA, José e INFANTE, Ulisses. *Análise e interpretação de poesia*. São Paulo: Scipione, 1995.p 63.

sua maneira, em um movimento que usa esta natureza como ponto de união do Brasil e de diferenciação em relação aos demais, afinal, todo o país era naturalmente exuberante.

No entanto, a natureza não ocupa sozinha o posto de elemento original e singular do Brasil. O homem brasileiro, representado principalmente pelos elementos indígenas e mestiços, também têm lugar central nesse contexto.

No ano de 1840, o IHGB lança um concurso para premiar o trabalho que melhor elaborasse um plano para se escrever a história do Brasil. O vencedor do concurso foi o cientista alemão, ocupado de assuntos brasileiros, Karl Friedrich von Martius.

Em sua monografia⁸, Martius confere ao Brasil um papel bastante singular enquanto nação: realizar a idéia da mestiçagem das três raças, lançando os alicerces para a construção do mito da democracia racial (GUIMARÃES, 1988:17). Dentro deste contexto racial, o Brasil encontrava-se em uma situação *sui generis* no mundo: era palco da miscigenação entre as três raças. Cabia então ao Brasil o papel de aperfeiçoar estas – através do branqueamento de sua população e a civilização do indígena – para o desenvolvimento da nação.

Estavam então determinados os elementos que definiriam a identidade nacional brasileira: sua natureza e sua gente. Também já se sabia o modelo civilizacional que o Brasil deveria seguir e o modo como ele se destacaria entre essas nações. Restava então levar este projeto adiante, fazê-lo acontecer.

Nesse sentido, o IHGB desempenhou um papel fundamental, e a análise das suas publicações, contidas na revista do instituto, só vêm a corroborar as teses de autores como Francisco Paz, José Carlos Reis, Roberto Ventura, Renato Ortiz, Flora Süssekind, entre outros, que vêem na natureza um dos principais símbolos utilizados para a construção da identidade nacional brasileira, símbolo esse capaz de dar orgulho a um povo carente de raízes e laços de união.

A exaltação do mundo natural brasileiro é bastante recorrente nessas publicações⁹, o clima é posto como benigno e ameno na maioria das vezes - o que não significava

⁸ O título da monografia é “Como se deve escrever a história do Brasil” In. Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tomo VI, 1865 (1844).

⁹ No discurso de abertura do IHGB, Januário da Cunha Barbosa dá mostras de que a exaltação da natureza brasileira seria uma das tônicas no processo de criação da identidade nacional brasileira, particularmente no caso do grêmio cariocas: “(...) finalmente pelas riquezas de suas minas e mattas, pelos productos de seus campos e serras, pela grandeza de seus rios e bahias, variedades e pompas de seus vegetaes, abundância e preciosidade de seus fructos, pasmosa novidade de seus animaes, e finalmente pela constante benignidade de um clima, que faz tão fecundo os engenhos de nosso

necessariamente algo positivo, visto a noção dos efeitos deletérios dos climas benevolentes sobre os homens -, suas paisagens são descritas como belas e variadas capazes de “sensações despertar e interromper a tediosa monotonia”. Suas terras são relatadas como muito férteis, e suas matas e rios como generosas em caça e pesca, além disso, há a presença de ricas minas espalhadas pelo território nacional.

Por isso, podemos afirmar que a natureza – portadora da indelével marca dos trópicos - veio a se tornar um importante ponto de comunhão nacional, já que, todos os brasileiros, independente da região do país em que se encontravam, podiam partilhar do mesmo sentimento de orgulho em relação ao meio em que viviam, pois ele era descrito como exuberante em toda sua extensão, não havendo discriminação de acordo com a localidade.

Levar à população o conhecimento dessas belezas naturais que o Brasil oferecia, e que era de causar inveja em outras nações do mundo, dava então ao empreendimento da intelectualidade brasileira da época um objetivo de união nacional, muito importante para assegurar a manutenção do ainda jovem e frágil Estado brasileiro. Afinal, essa natureza tropical brasileira representava aquilo que a Europa das altas latitudes não era: a exuberância, o perigo, a inspiração, a preguiça, a fartura, a doença. Para o bem ou para o mal, o Brasil era um país tropical, e isso precisava ser mostrado.

Desta maneira, as imagens positivas a respeito da natureza brasílica surgem através das publicações do IHGB em todo o período estudado¹⁰ e a respeito de todo o Brasil. Na Bahia retratada nunca falta alimento, e os frutos “alli produz espontaneamente a natureza” (MASCARENHAS, 1846:497-498). O Maranhão é descrito como um lugar de “ar commodo, preciosas aguas, grande fertilidade seguida ao mais pequeno cultivo e a sua nunca interrompida verdura, são as circunstancias que fazem com que este paiz seja o mais abundante e delicioso” (RIBEIRO, 1874:44). O Paraná foi retratado como o detentor do “mais bello céu do universo” e que por ele, era possível ver “rolar caudalosos rios, atravessando as mais pittorescas e magnificas

patricios como o solo abençoado que habitam; acharemos sempre um thesouro inexgottavel de honrosa recordação e de interessantes idéias, que se deve manifestar ao mundo em sua verdadeira luz”. Cf. BARBOSA, Januario da Cunha. “Discurso”. In. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Tomo I., 1856 (1939). pp. 12-13.

¹⁰ Nos referimos ao período compreendido entre 1839 e 1889, que foi o recorte temporal utilizado para a pesquisa da dissertação de mestrado *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*, defendida no Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, da qual se originou esse trabalho.

florestas do Brasil” (ELLIOT, 1870:155-156). São Paulo era descrita como uma província possuidora de um “céo benigno” e de uma “natureza magnífica e encantadora” (LOPES, 1872:316).

As imagens positivas a respeito da natureza tropical brasileira¹¹ eram abundantes dentro das publicações do IHGB, como podemos notar, além das citadas acima, há ainda uma série de várias outras que vão no mesmo sentido, de exaltar essa condição natural brasileira. Assim, podemos resumir a condição da natureza brasileira como exuberante, pródiga e generosa, como uma dádiva da Providência Divina ao Brasil e ao brasileiro, como fica evidente no trecho abaixo:

“as pequeninas Povoações de – Tauóca – Rezina de Baixo e Rezina de Cima, vivos painéis da miséria; mas demonstrativos da bondade do Criador que dá vida, e vida vigorosa n’este Brazil a aquelles de seus filhos, mesmo que vivem nus e crus sobre a terra, tendo a esta por leite, e o Céu, sempre assetinado, por cobertôr” (SILVA, 1859:204).

Podemos dizer, então que o IHGB assumia e ajudava a perpetuar essa imagem idílica dos trópicos brasileiros, propagada por tanto tempo em nossa história¹².

Mas como dissemos, aqui o processo de construção da identidade nacional não se baseou na oposição à antiga metrópole, mas sim, os membros do IHGB enxergavam a nova nação brasileira como uma continuadora da missão civilizatória iniciada pelos portugueses séculos antes. Além disso, a influência francesa se fazia presente no pensamento dos membros do instituto, o que conferiu a busca por um modelo branco e europeu de civilização, o que justifica as inúmeras demonstrações de apreço pelos

¹¹ É interessante que notemos que havia a noção que a pujança e fecundidade da natureza brasileira era decorrência de sua localização tropical, como podemos notar a partir do trecho: “A natureza é tão fecunda, na America, nas suas produções vegetaes, que intental-as comprehender é ardua empreza e de difficil execução. Nem podia deixar de assim acontecer em uma clima, em que a disposição de um humido permanente corresponde ao calor do sol ardentissimo em todas as estações do anno”. Cf. COELHO, Filipe José Nogueira. “Memórias Chronologicas da capitania de Mato-Grosso: principalmente da provedoria da Fazenda Real e Intendencia do Ouro”. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. Tomo XIII. Rio de Janeiro, 1872 (1850). p. 253.

¹² Isso porque entre os séculos XVI, XVII e XVIII, uma série de viajantes e colonos europeus percorreram o Brasil e deixaram relatos positivos, que associavam a natureza brasileira a um paraíso terreal. Cf. PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Lery” In *Revista USP*. São Paulo: USP, CCS, 1989; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008; MELLO E SOUZA, Laura de. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-VXIII*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

européus e seus povos, no decorrer da revista, e deixa implícita uma vontade de ser próximo aos então antagônicos modelos para nossa nação.

Primeiro, percebemos uma intensa vontade de ser lido e entendido na Europa¹³, por isso encontramos trechos que fazem alusões claras à Europa, mesmo em descrições de elementos da natureza brasílica que nada tinham em comum a ela:

“Penetrando por esse pittoresco platô, percorrendo um solo sempre elevado, coberto de vegetação cerrada e vigorosa, cortado por correntes de água perenne, deparando um clima em toda parte fresco e amenissimo; o viajante sente-se transportado às regiões mais risonhas da zona temperada; e mal poderia convencer-se de que o rodeam os ardores do equador” (MELLO, 1872:81).

Esse apreço dos brasileiros pelo continente Europeu, até agora aparente só nas entrelinhas do discurso apresenta exemplo bastante diretos, que deixam bem claro a vontade do Brasil – aqui representada pelos membros do IHGB – de partilhar do modelo europeu de civilização. A presença do europeu era requisitada e bem vinda:

“[Após a Independência do Brasil] o commercio crescia com a população que se disseminando pelo vasto continente, hia penetrando as virgens florestas, afugentava os gentios, fazia correr para longe as feras, derrubava os vetustos madeiros para dar caminho ao genio civilizador, substituia por povoações regulares, as mesquinhas aldeias, ou ranchos de primitivos habitantes, e o homem civilisado da Europa ia levar a industria e a cultura ao seio dos desertos americanos, até então fechados pelas cadeias coloniaes á luz da civilisação. A fertilidade e riqueza destas terras povoaram rapidamente os sertões que gradualmente se descobriram, nos quaes novas propriedades se estabeleceram” (FIGUEIREDO, 1859:508-509).

A partir do trecho acima, percebemos que a natureza brasileira se mostrava benigna, detentora de “fertilidade e riqueza”, capaz de sustentar propriedades. No entanto, se o Brasil quisesse realmente partilhar da cultura ocidental, e assim integrar-se

¹³ Lembremos, o IHGB mantinha um intenso intercâmbio com instituições congêneres na Europa e América do Norte.

ao rol das consideradas grandes nações, como almejava o IHGB, uma natureza esplendorosa não era suficiente para isso. O mundo civilizado era visto e pensando como o contraponto do mundo natural, e nesse aspecto o Brasil, considerando sua natureza e suas gentes – muitas das quais “perdidas”¹⁴ em meio a ela – encontrava-se perigosamente afastado da civilização¹⁵.

E como levar esse projeto adiante sem a presença dos Europeus? Lembremos que os indígenas e negros era acusados de uma série de deficiências, desde tempos remotos, e que com o advento das teorias raciais, no século XIX, eles, aos olhos dos membros do IHGB, não se apresentavam como as pessoas mais indicadas para tocar um processo civilizatório. Os europeus, então, tornavam-se fundamentais. E por isso, eram, apesar das rixas com o velho continente, fomentadas principalmente frente aos ataques vindos daquela região à natureza americana e tropical, eram esses povos muito bem quistos dentro das publicações do IHGB.

Nesse sentido se o Europeu era o homem do progresso, muito disso se explicava devido ao clima em que se desenvolvera. Se o homem europeu representava o progresso, o clima temperado da Europa também o representava, e nesse ponto, percebemos uma espécie de ressentimento, bem mais velado, visto o número de artigos que tocam nesse ponto, em relação aos que exaltam as belezas tropicais, de o Brasil estar localizado na faixa do globo que engloba as áreas que vão do trópico de Câncer ao trópico de Capricórnio.

Apesar dos magníficos quadros naturais, capazes de encher os olhos de seus expectadores, ofertados pela natureza tropical brasileira e que produziam sentimentos orgulhosos aos nacionais, a verdade é que ainda notamos um certo temor em relação aos

¹⁴ Sobre esse tema, conferir: BARBATO, Luis Fernando Tosta. “Os Perigos do Paraíso: a visão trágica da natureza brasileira no século XIX”. In: *Anais do V Encontro de História da Arte* – Unicamp. Campinas/SP, 2009.

¹⁵ NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Sobre o campo e a cidade: olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Campinas: [s.n.], 1999. p. 77; Nesse aspecto, podemos notar ainda que, segundo Vera Chacham, mesmo nas cidades, havia uma concepção “natural” do estrangeiro sobre a sociedade brasileira, evidenciando essa distancia existe entre o Brasil e a “civilização”. Não a natureza enquanto tal, mas uma natureza na forma humana, representada pelo exotismo e pela permanência de costumes arcaicos como a escravidão, que dominam a cena urbana. Segundo a autora, a convivência desse quadro urbano e “natural”, com imagens de um movimento histórico superficial, que apenas imita as aparências da civilização, além de uma memória mais “residual” que voluntária, produz essa visão naturalizada da cidade e de seus homens. Mesmo nas cidades brasileiras, “a história seria feita quase à sua revelia”. Cf. CHACHAM, Vera. “Passado e natureza nas narrativas de viagem ao Brasil e ao Oriente (século XIX)”. In: *Em Tese*. V. 7, Belo Horizonte, 2003. p. 98.

efeitos dos trópicos sobre aspectos importantes dentro de uma civilização de bases européias.

Exemplo disso é uma pretensa dificuldade de produzir conhecimento no calor das zonas tropicais. Raymundo José da Cunha Mattos, por exemplo, ao discorrer sobre a dificuldade de escrever corografias e histórias das nações, afirma que se nos “países cultos” tal tarefa já se apresentava como algo bastante dificultoso, mesmo àqueles homens sábios não faltando meios de se instruírem e de “se conservarem”, tal tarefa era deveras pior no interior do Brasil¹⁶, porque, além da carência de livros, mapas e “informações exactas”, o escritor patriota deveria travar uma batalha contra o clima que o ameaçava (MATTOS, 1874:214).

Esse texto de Cunha Mattos nos serve de ótima referência para mostrarmos os diversos temores que assombravam aqueles homens *patriotas*¹⁷, desejosos em escrever uma história para a nação brasileira, empenhados no projeto de uma identidade nacional para o país.

Percebemos que para Cunha Mattos, que escreveu na primeira metade do século XIX, as ameaças que o clima tropical proporcionava ao Brasil eram muitas, e abrangiam aspectos físicos e psicológicos, o que ressalta que, apesar da exaltação tropical, presente no IHGB, uma civilização nos trópicos haveria de ter muitos problemas a serem resolvidos (MATTOS, 1874:214-394).

Doenças, indolência, calor, umidade... Tudo isso se apresentava como problemas palpáveis a qualquer homem interessado nos futuros da nação, e contornar esses problemas se tornariam uma tarefa bastante árdua.

Enquanto o brasileiro vivia sob um clima presumidamente benévolo, com fartura de caça, de pesca, de madeiras de qualidade, terras férteis a perder de vista, e com temperaturas que, na maior parte de seu território, eram muito complacentes, o Europeu vivia em uma terra cansada que pouco lhe dava sem trabalho:

“Na Europa perde-se o desejo do consorcio pela
dificuldade de subsistência, no Brasil, havendo favoráveis
meios de subsistir, o individuo entrega-se à ociosidade. (...)
No Brasil, nenhum indivíduo morrerá de fome, querendo dar-

¹⁶ Cunha Mattos se refere à província de Goiás, na primeira metade do século XIX.

¹⁷ Palavra do próprio Cunha Mattos..

se a um pequeno trabalho: os rios abundam em peixes; as florestas em caças de innumeráveis espécies; as praias em mariscos saborosos de tamanhos variados” (REBELLO, 1867:11-12).

E essa tal imagem, do sofrimento a que os europeus estavam sujeitos, comparativamente aos brasileiros, parecia se confirmar aos olhos desses homens ao lerem relatos como o seguinte, que mostra o sofrimento de homens despreparados perante a inclemência do frio, no inverno paranaense:

“Aquelles pobres habitantes das selvas andam nus, apenas envoltos com alguns pedaços de panno immundo, a que chamam curú. O dia estava bastante frio e chuvoso, elles tremiam com o frio em tinham fome” (NASCIMENTO, 1886:270)¹⁸.

Desta maneira, percebemos que, apesar das aclamadas vantagens de uma vida nos trópicos, o clima ainda era objeto de muitos receios dentro do pensamento social da época, e que os temores sobre os efeitos do clima tropical sobre a população era um fardo pesado demais, para quem estava preocupado com a nação, afinal, os temores sobre seus efeitos sobre o físico e o caráter da população ainda eram fortes demais. Por isso, lugares com climas frios, mais próximos dos climas do velho continente, comuns no sul do país e em área montanhosas, eram vistos com bons olhos dentro do IHGB.

Apesar de não partilharem em sua totalidade do clima tropical presente na maior parte do Brasil, regiões mais austrais do país ou localizadas em lugares de altitude mais elevada, e por isso, marcadamente mais frios que a maior parte das regiões do país, eram motivos de muitos elogios e aclamações dentro das publicações do IHGB, deixando nítido o projeto de unificar o Brasil através da sua natureza, e a pujança e riqueza da natureza tropical era estendida às áreas subtropicais brasileiras¹⁹.

¹⁸ NASCIMENTO, José Francisco Thomaz do. “Viagem feita por José Francisco Thomaz do Nascimento pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, Provincia do Paraná e relações que teve com os índios coroados mais bravios daquelles lugares”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Tomo XLIX. Rio de Janeiro: Typographia, Litographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1886. p.270.

¹⁹ Nesse sentido, de integrar as regiões brasileiras em torno de uma natureza comum, é interessante os dizeres de Homem de Mello, ao aproximar províncias tão distantes geograficamente, como é o caso do Ceará e do Rio Grande do Sul, através de seus climas, trazendo o clima gaúcho, notório pelas suas baixas temperaturas como mais ameno, e o cearense – mesmo que de uma região montanhosa – notório pelo calor, com intervalos frios, buscando assim um clima médio, suportável a todos os brasileiros: “Estamos viajando no coração do inverno; e é este dos mais rigorosos, que tem havido na

O Rio Grande do Sul, por exemplo, é um lugar no qual as benesses dos trópicos já não podem ser desfrutadas durante todo o ano, como acontecia na maior parte das regiões do Brasil. Frio intenso e ocorrência de neve nessa então província brasileira surgem em relatos do IHGB²⁰.

No entanto, mesmo o Rio Grande do Sul não partilhando dessa característica nacional, que é o clima tropical, ele não deixa de ser reverenciado dentro do contexto nacional, devido a sua natureza, que, graças ao seu clima, permite o cultivo de gêneros da Europa, típicos de climas mais frios²¹. Isso sem que, no entanto, ele não seja útil para o cultivo de gêneros tropicais, como “as laranjeiras, as bananeiras, as cannas de assucar” que “mesmo nos nossos limites do sul crescem com mais ou menos prosperidade” (OLIVEIRA, 1886:177), além das araucárias e “em geral todas as arvores dos paizes frios”²².

Outras regiões de clima frio, como é o caso do montanhoso sul de Minas, também aparecem como motivo de orgulho dentro do IHGB, evidenciando um processo de inclusão, ao qual as regiões que não partilhavam de uma natureza típica de clima tropical, foco da maior parte das exaltações, também compartilhavam do orgulho de pertencer a um paraíso tropical, mesmo não possuindo um clima característico dele:

província. Eu que nasci e tenho vivido em climas muito diversos, e que ainda recentemente passara quasi dois annos no Norte, embora tenha estranhado o frio, comtudo supporto perfeitamente a temperatura, e tenho feito a viagem sem incommodo. Está verificado, que o clima do Rio Grande do Sul não é intoleravel para os filhos de outras províncias, e deve desvanecer os receios, que se levantam por tal motivo”; Sobre sua viagem ao Ceará: “As noites [no povoado da serra], com ser tão dentro da zona torrida, são frigidissimas em todo o anno, e no inverno com tanto rigor, que igualam os grandes frios do Norte, e só se podem passar com a fogueira sempre ao lado”. Cf. MELLO, Francisco Ignácio Marcondes Homem de. “Excursões pelo Ceará, S. Pedro do Sul, e S. Paulo”. *Op. Cit.* pp. 81-112.

²⁰ Exemplos podem ser encontrados no seguinte relato: “O tempo era o maior rigor do inverno, que teve principio no mez de junho, com insupportaveis neves, e frios, sendo tão continuadas as chuvas, que puzeram intratáveis os caminhos, desde o Rio Grande, até aquella paragem de Castilhos (...)”. Cf. CUNHA, Jacinto Rodrigues da. “Diário da Expedição de Gomes Freire de Andrada ás missões do Uruguay”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Tomo XVI. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894 (1853). p. 146.

²¹ O que se evidencia no trecho a seguir: “O terreno é muito fertil; não só produz quase todas as fructas da Europa, supposto que mais inferiores em qualidade, mas toda a casta de grãos, a bellissima hortaliça(...)”; ou ainda “Não sei se algumas plantas d’Azia produzirão aqui, porque não tenho noticias que haja algumas, mas é muito provável produzam aqui as mesmas coisas que dão na Europa, visto ser o clima quasi igual”. Cf. Sem Autor. “Almanak da Villa de Porto-Alegre com reflexo sobre o Estado da Capitania do Rio-Grande do Sul”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1867. pp.55-57.

²² Referência à localidade de Ilha dos Marinheiros, no Rio Grande do Sul. Cf. MELLO, Francisco Ignácio Marcondes Homem de. “Excursões pelo Ceará, S. Pedro do Sul, e S. Paulo”. *Op. Cit.* p. 154.

“o sul de Minas é o mais rico painel, que a natureza prodigalizou ao paiz dos trópicos. (...) A natureza fizica do sul de Minas apresenta um quadro d’essa Suissa osculando a orla dos gelados Alpes, reclinada ás cristalinas águas do Rheno. É impossível, que esse clima da Itália, esses montes, e campos que tanto alegrão a vista na amplidão e matizes do horizonte, não fale ao coração humano” (SILVA, Jozé Franklin da, 1882:405-406).

Nessas passagens, fica bastante evidente o apreço pela Europa, pois suas belezas naturais são exaltadas, e comparadas às brasileiras²³, em mais um exercício de alteridade. Esses lugares de clima frio apresentam-se como ilhas da esperança, nas quais uma cultura mais próxima da européia pode florescer com mais vigor. Neles há a possibilidade de se cultivar gêneros europeus²⁴, há terras menos expostas às doenças causadas pelos temidos miasmas da época, e os homens estão menos propensos aos efeitos deletérios do clima tropical. Ou seja, são áreas com características mais européias, valorizadas na época, e nem por isso menos belas.

Como certa vez nos disse Nicolas Taunay sobre o Brasil, a paisagem brasileira bem podia lembrar as luzes da Itália e as matas que ele percorria na sua infância na vizinha Paris. Taunay, que já se fartara da luminosidade italiana, parecia agora

²³ Tantos elogios aos climas europeus, chegaram a ofender membros do IHGB, Augusto Fausto Souza, por exemplo nos traz que “muitos de nossos patrícios há que, ao regressar de dispendiosa viagem, narram entusiasmados as bellas paizagens, que admiraram nas montanhas da Suissa, nas praias do Mediterraneo ou nas margens do Rheno, inscientes de que em sua mesma patria, bem perto de sua habitação, existe um magico panorama, que analysado, reune, excedendo, todas aquellas bellezas, que elles, com sacrificio foram procurar em terras estranhas (...). Tal indifferença é indesculpavel; e além de revelar atrazo, falta de gosto e insensibilidade pelos formosos quadros e opulências da natureza, constitue um crime de leso-patriotismo”. Cf. SOUZA, Augusto Fausto de. “A Bahia do Rio de Janeiro: sua historia e descripção de suas riquezas”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLIV. Rio de Janeiro: Typographia Universal de H. Laemmert & C., 1881. pp. 7-8.

²⁴ É interessante que há diversas regiões aclamadas como “análogas” às européias, e aptas a cultivar seus gêneros característicos, dentro das revistas do IHGB, algumas localizadas em regiões notórias pela sua tropicalidade, como é o caso do Maranhão ou do Ceará; sobre o Maranhão: “assim mesmo os trigos, as cevadas e todos os mais grãos e frutos da Europa vegetariam aqui se os plantassem, muito abundantes e em pró da capitania, porque certamente não tem bocado mais analogo, nem assim tão interessante”. Cf. RIBEIRO, Francisco de Paula. *Op. Cit.* p. 48; sobre o Ceará: “O seu platô [da Serra do Baturité] offerece sem interrupção uma área de 105 kilometros de comprimento e 46 de largura, apropriada aos differentes generos de cultura das zonas temperadas”. Cf. Cf. MELLO, Francisco Ignácio Marcondes Homem de. “Excursões pelo Ceará, S. Pedro do Sul, e S. Paulo”. *Op. Cit.* pp. 82-83.

interessado em encontrar o idílio nesse lugar que seria seu paraíso tropical. O sol e a luminosidade do Brasil só eram comparáveis à claridade romana, como nos mostrou Schwarcz (SCHWARCZ, 2008:243).

Segundo Schwarcz, no conjunto de obras de Taunay, vários elementos aparecem de maneira repetida, como é o caso da natureza tranqüila do Brasil (representada por um clima ameno, águas doces e um sol sempre a nos iluminar), nos seus animais, nas suas árvores ou nas figuras, que podiam aproveitar do bom clima para ficar ao ar livre, insinuando assim uma Arcádia nos trópicos. Assim, podemos perceber a possibilidade de uma nova civilização (SCHWARCZ, 2008:243-245).

Nesse sentido, uma série de aproximações entre o clima do Brasil, país este perigosamente afastado da civilização graças às suas diferenças naturais – refletida em suas gentes – aparecem nas publicações do IHGB. A Europa era a medida, e aproximar-se dela era um fio de esperança para aqueles construtores da nação. Que, apesar das exaltações de um Brasil tropical, diferente em sua essência, pareciam não estar muito seguros de sua viabilidade.

Assim, não são só comparações que trazem a Europa ao Brasil, e que aqui relatam áreas de climas comparáveis aos do progresso, frios por excelência, e nos quais gêneros e povos europeus vingavam, que encontramos nas publicações do instituto. Encontramos também mostras de que a Europa – e também as outras admiradas regiões do norte – também apresentavam climas correlatos aos do Brasil, desta vez quentes por excelência, capazes de produzir gêneros tropicais, e nem por isso distantes do progresso.

O Visconde de Abrantes, em seu artigo de 1851, discorre sobre a cultura e comércio das plantas do gênero Indigofera, planta da qual é produzida o anil, e que, a partir do seu relato, dá a entender que é uma planta oriunda e característica da zona tórrida, vegetando “em qualquer paragem, situada entre os tropicos, seja da Azia e África, ou da America e Oceania”, tanto que essas plantas eram conhecidas como “filhas do sol” (ABRANTES, 1888:44).

No entanto, essas “filhas do sol” prosperam em regiões de latitudes relativamente avançadas da zona temperada²⁵, como notamos no trecho abaixo:

²⁵ Não que esses europeus relatados abaixo, provenientes das áreas do sul da Europa, fossem os mais admirados no Brasil da época, isso porque, segundo De Decca, buscava o país distinguir-se de sua referência paterna, representada pelos portugueses, e que se dispunha a buscar suas novas referências numa outra Europa, marcada pelo signo da modernidade, representada por Paris. Cf. DECCA, Edgar Salvadori de. “Tal pai, qual filho? Narrativas histórico-literárias da identidade nacional”. *Op. Cit.*

“Todavia observarei por fim, que sem embargo da sua origem tropical a indigofera não deixa de medrar em paragens menos frias da zona temperada. Sabe-se, que na Carolina do Sul, situada entre 32°, e 35° lat. N., cultiva-se o anil com vantagem. (...) Além d’isso, tempo houve, que em Malta, na Toscana, no Sul da França, e no da Hespanha, a cultura da indigofera andou em voga” (ABRANTES, 1888:44-46).

Assim, podemos concluir que, dentro da vontade de se construir uma identidade brasileira, processo marcado por uma exaustiva fala de si mesmo, na qual era ressaltado tudo o que era exótico, tendo sua natureza como elemento principal (DECCA, 2002:92). Experiência essa calcada em um desejo ambíguo, de se diferenciar de sua mãe Europa, e ao mesmo tempo de não se afastar. A Europa era ao mesmo tempo o contraponto e a medida, e é justamente essa dualidade que encontramos em toda a análise das revistas do IHGB, no que se refere a essa construção de uma identidade tropical brasileira.

Mas de forma geral, notamos que apesar dessa relação de amor e ódio com a Europa, marcada por detrações e elogios de ambas as partes – mesmo sendo as críticas daqui pra lá desproporcionais em relação às de lá para cá – consolidou-se uma suposta identidade tropical para o Brasil, em construção desde que o primeiro português aqui pisou. Mas agora, não eram mais estrangeiros que diziam que nós, brasileiros, éramos um povo forjado sob um sol escaldante nos trópicos, mas sim éramos nós mesmos, brasileiros, que assumíamos essa nossa condição, que, pelo o que encontramos nos artigos do IHGB, se amalgamara em nossas almas:

“Não haverá um só brasileiro, verdadeiramente amigo de seu paiz, que desejasse ver quebrado este *magnífico vaso de porcelana* (...); que não agradeça á Providencia Divina de termos conservado essa integridade, base fundamental da nossa futura grandeza. Holandezes no norte, portugueses no centro, francezes no sul seriamos fracos e desunidos; fallariamos tres linguas, teriamos talvez duas religiões: e o gigante dos trópicos,

p.92. Como veremos mais a frente, há muitas críticas e muito ressentimento em relação aos “pais portugueses”, que, apesar de trazerem as luzes da civilização européia para o Brasil, também deixaram como legado muito de seus problemas, que marcavam sua sociedade “atrasada” dentro da Europa.

que quiçá deterá um dia no isthmo do Panamá a marcha invasora do audaz anglo-saxonio, fazendo recuar a aguia do Mississipi, seria olhado com desprezo, e nem se quer escutado nos conselhos da America” (PINHEIRO, 1859:112a).

Ou ainda:

“No dia em que a sciencia demonstrou que o Brasil tinha por cima de sua cabeça o sol dos equinocios, a seus pés um oceano, nos seus braços rios gigantescos, no seu dorso alcantiladas cordilheiras, e no seu regaço inesgotaveis thesouros de riqueza mineral e vegetal, proclamou ao mesmo tempo que a civilização pacifica que desde o começo dos seculos caminha do oriente para o ocidente encontrara o emporio das letras e das artes. Desde a cascata que nos inspira até os raios do sol que nos incendia, desde o aceno que nos extasia até a floresta que segreda comnosco, tudo, tudo no Brasil convida á poesia, é pintura, á musica, á sciencia, a todos os festins da intelligencia” (FILGUEIRA, 1860:661).

Um “gigante tropical” era aclamado, sonhar com um país americano cunhado sob o sol, capaz de rivalizar contra a grande potencia das Américas, formada sobre as intempéries da zona temperada era um sonho palpável, pelo menos por parte daqueles construtores da nossa nação, que viam no sol ardente e natureza majestosa do Brasil um convite às artes e ciências, ou seja, um convite ao tão desejado progresso. A negação dos trópicos não aconteceu, gostassem ou não, o Brasil era um país tropical, não havia como negar “o sol que nos mostrou a toda luz aos olhos do velho mundo”(PINHEIRO, 1859:738b).

Trouxemos aqui imagens que, apesar das demonstrações de apreço pelo clima europeu, eram imagens alegres, imagens positivas, de regiões recordadas por sua beleza, de trópicos que devem trazer orgulho, e não temor. Em um exercício de patriotismo daqueles historiadores engajados em um projeto, a imagem de um Brasil sempre iluminado pelo sol, parece se sobrepujar à imagem de um Brasil sempre ofuscado pelo sol. Era o reconhecimento, a aposta um tanto arriscada, em um Brasil assumidamente tropical, pronto para encarar essa condição em um mundo marcado pelo eurocentrismo.

Mas será que esse não seria um fardo pesado demais? Essas dúvidas e temores sobre a viabilidade de uma nação aos moldes europeus nos trópicos ainda atormentariam nossos intelectuais por décadas, avançando até meados do século seguinte.

Bibliografia

- ALENCAR, José de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Cia. Aguilar Editora, 1964.
- BARBATO, Luis Fernando Tosta. “Os Perigos do Paraíso: a visão trágica da natureza brasileira no século XIX”. In: *Anais do V Encontro de História da Arte – Unicamp*. Campinas/SP, 2009.
- BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*. Campinas,SP: [s.n.], 2011.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CHACHAM, Vera. “Passado e natureza nas narrativas de viagem ao Brasil e ao Oriente (século XIX)”. In: *Em Tese*. V. 7, Belo Horizonte, 2003.
- DECCA, Edgar Salvadori de. “Tal pai, qual filho? Narrativas histórico-literárias da identidade nacional”. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo, nº 24, 2002.
- DIAS, Gonçalves. “Canção do Exílio”. In: DE NICOLA, José e INFANTE, Ulisses. *Análise e interpretação de poesia*. São Paulo: Scipione, 1995.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional". In: *Estudos históricos*, nº 1, 1988.
- HOBSBAWM, E. J. *Nações e nacionalismos desde 1870 – programa mito e realidade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.
- MARCO, Valéria de. *A perda das ilusões: O romance histórico de José de Alencar*. Campinas-Sp: Editora da Unicamp, 1993.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-VIII*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. “Natureza e Civilização: Sensibilidades românticas e representações do Brasil no século XIX” In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia(orgs.). *Memória e (re)Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas.SP: Editora da Unicamp, 2001.
- PAZ, Francisco de Moraes. *Na poética da História: a revitalização da Utopia Nacional Oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996.

- PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Lery” In *Revista USP*. São Paulo: USP,CCS, 1989.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- SÚSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrado, a viagem*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas literárias no Brasil 1870 – 1914*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

Fontes Documentais

- ABRANTES, Visconde de. “Programma: Qual a origem da cultura e commercio do anil entre nós e quaes as causas do seu progresso e da sua decadência”. In. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Tomo XV. Rio de Janeiro: (ver editor), 1888 (1852).
- ELLIOT, João Henrique. “Itinerário das viagens exploradoras empreendidas pelo Sr. Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto de villa Antonina e o Baixo-Paraguay na província de Mato-Grosso; feitas nos annos de 1844 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descriptas pelo Sr. João Henrique Elliot”. In. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. Tomo X. Rio de Janeiro, 1870 (1848).
- FIGUEIREDO, Carlos Honorio de. “Memoria sobre a fundação das faculdades de direito no Brasil”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXII. Rio de Janeiro: Tyo. Imparcial de J.M.N. Garcia, 1859.
- FILGUEIRAS, Caetano Alves de Sousa. “Sessão Magna Anniversaria do Instituto Historico e Geographico do Brasil no dia 15 de Dezembro de 1860 – Relatorio do Segundo Secretário”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethonographico do Brasil*. Tomo XXIII. Rio de Janeiro: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 1860.
- LOPES, Joaquim Francisco. “Itinerário de Joaquim Francisco Lopes: encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a provincia de S. Paulo e a de Matto-Grosso pelo Baixo Paraguay”. In. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. Tomo XIII. Rio de Janeiro, 1872 (1850).
- MASCARENHAS, Joseph Freyre de Monterroyo. “O Orizes Conquistadores ou noticia da conversão dos indômitos Orizes Procazes, povos habitantes e guerreiros do sertão do Brazil, novamente reduzidos á Santa fé catholica, e á obediência da coroa portuguesa, com a qual se descreve tambem a aspezeza do sitio de sua habitação, a cegueira da sua idolatria e barbaridade dos seus ritos”. In. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846.

- MATTOS, Raymundo José da Cunha. “Chorographia Historica da Provincia de Goyaz”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXVII. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1874.
- MELLO, Francisco Ignácio Marcondes Homem de. “Excursões pelo Ceará, S. Pedro do Sul, e S. Paulo”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXV. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1872.
- NASCIMENTO, José Francisco Thomaz do. “Viagem feita por José Francisco Thomaz do Nascimento pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, Provincia do Paraná e relações que teve com os índios coroados mais bravios daquelles lugares”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLIX. Rio de Janeiro: Typographia, Litographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1886.
- OLIVEIRA, Antonio Rodrigues Velloso de. “A Igreja no Brasil ou informação para servir de base á divisão dos bispados, projectada no anno de 1819, com a estatística da população do Brasil, considerada em todas as suas diferentes classes, na conformidade dos mappas das respectivas províncias, e numero de habitantes”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXIX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1866.
- PINHEIRO, J.C (a). Fernandes. “A França Antarctica. Bosquejo historico do estabelecimento dos francezes no Rio de Janeiro e sua expulsão no seculo XVI e das suas novas invasões no XVIII”. In. *Revista Trimensal di Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXII. Rio de Janeiro:”Typ. Imparcial de J.M.N.Garcia, 1859.
- PINHEIRO, J.C (b). Fernandes. “Relatorio do 1º secretario interino Cônego Dr. J.C.Fernandes Pinheiro – Sessão Magna Anniversaria do Instituto Historico e Geographico do Brasil. No dia 15 de Dezembro de 1859”. In. *Revista Trimensal di Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXII. Rio de Janeiro:”Typ. Imparcial de J.M.N.Garcia, 1859.
- REBELLO, Henrique Jorge. “Memoria e consideração sobre a população do Brasil”. In. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1867.
- RIBEIRO, Francisco de Paula. “Descripção do territorio de Pastos Bons, nos sertões do Maranhão; propriedades dos seus terrenos, suas produções, caracter dos seus habitantes colonos, e estado actual dos seus estabelecimentos”. In. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo XII. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1874.
- SILVA, José Vieira de Carvalho e. “Viagem ás Caxoeiras de Paulo Affonso”. In. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXII. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de J.M.N.Garcia, 1859.
- SILVA, Jozé Franklin da. “Panorama do Sul de Minas”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLV. Rio de Janeiro: Typographia Universal de H.Laemmert & C., 1882. pp. 405-406.